



Um museu de cravo na mão!



Horário

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)
&
Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Período de verão
1 de abril até 30 de setembro

Terça-feira a domingo e feriados
10h00 às 17h30

Encerramento às segundas-feiras

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Terça, quarta e quinta-feira
09h30-12h00 / 13h30-16h00

Sexta-feira e sábado
17h00-20h00

Encerramento aos domingos
e segundas-feiras

Preçário

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)
&
Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Ingresso individual **2.00€**

Jovens entre os 15 e 25 anos
Reformados
Idade igual ou superior aos 65 anos
Docentes
Cartão Jovem Municipal
Grupos de 10 ou mais pessoas **1.00€**

Crianças até 14 anos
Visitas de estudo
Domingos **Entrada Grátis**

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Entrada Grátis

Moradas e Contactos

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)

Ladeira de São Francisco,
9700-181 Angra do Heroísmo
+351 295 240 800

Latitude 38.6569297
Longitude -27.2167038

Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Rua da Boa Nova,
9700-031 Angra do Heroísmo
+351 295 218 383

Latitude 38.653773
Longitude -27.223600

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Outeiro do Galhardo, 13A, Ladeira Grande
9700-353 Angra do Heroísmo
+351 295 248 968

Latitude 38.6575237
Longitude -27.1605434

Siga-nos
nas nossas
redes sociais



@MuseuDeAngraDoHeroismo



@museu.angra



museu-angra.azores.gov.pt

English Version



Animais deste e do outro Mundo

2 de abril, 14h00 Serviço Educativo do MAH

Visita orientada e ateliê de expressão plástica

Público alvo **8 crianças com idades a partir dos 5 anos**

Frequência gratuita dependente inscrição prévia através do e-mail

museu.angra.agenda@azores.gov.pt ou do telefone 295 240 800



02

Comunicações na Ilha Terceira | o Radioamadorismo e a Guerra Fria

9 de abril, 15h00 Edifício de São Francisco Sala do Capitulo

Inauguração da exposição

Regime de livre acesso



09

Domingos com Música

10 e 24 de abril, 11h00 Igreja de Nossa Senhora da Guia

Concertos no órgão histórico construído por António Xavier Machado e Cerveira em 1788

Organista **Gustaaf van Manen**

Entrada livre



10

Dia Internacional dos Monumentos e Sítios Património e Clima

18 de abril, 10h00 Serviço Educativo do Museu de Angra do Heroísmo



**PATRIMÓNIO
E CLIMA**

18 DE ABRIL

**DIA INTERNACIONAL
DOS MONUMENTOS
E SÍTIOS** 2022

Mostra de Curtas CineEco 2022

Público-alvo **Pré-escolar e 1.º ciclo**

Frequência gratuita

Inscrição prévia através do e-mail museu.angra.agenda@azores.gov.pt ou do telefone 295 240 800



Acorns

Bradley Furnish, EUA, 2020

Animação (16')

MENÇÃO HONROSA CURTA-METRAGEM / 2021



Migrants

Hugo Caby, Antoine Dupriez, Aubin Kubiak, Lucas Lermytte e Zoé Devise, França, 2020

Animação (8')

**MENÇÃO HONROSA CURTA-METRAGEM
INTERNACIONAL / 2021**



#Fishingtheplastic

Marina Lobo, Portugal, 2020

Animação (4')

**PRÉMIO CURTA-METRAGEM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL / 2021**

Colaboração



A Guerra na Ucrânia e a Ordem Internacional

20 de abril, 20h00 Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima



Conferências na Boa Nova

Conferencista **Tomé Ribeiro Gomes**, investigador na área das Relações Internacionais

Núcleos expositivos e reservas de Uniformes, Armas Ligeiras e Pesadas em regime de livre acesso

Histórias de Chamar à Pedra Venham Mais 5!

21 de abril, 13h00 Claustro do Edifício de São Francisco



Visitas Temáticas à Hora de Almoço

Orientação **Maria Manuel V. Ribeiro**, museóloga e técnica superior do MAH

Público alvo **10 adultos**

Inscrição prévia através do e-mail museu.angra.agenda@azores.gov.pt ou do telefone 295 249 800

Almoço no claustro do Edifício de São Francisco, a partir das 12h00

Refeições asseguradas pela empresa **Health2Go** mediante reserva prévia, no momento da inscrição

Custo **12.50€**

Colaboração



Da Boa Nova às Cruzinhas

21 e 28 de abril, 9h30 às 10h30 Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima

1ª Sessão 21 de abril

2ª Sessão 28 de abril

Concentração Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Orientação Jaime Regalado, técnico
superior do MAH

Inscrição prévia na sessão pretendida através
do telefone 295 240 800 ou do email
museu.angra.agenda@azores.gov.pt



21

Enigmas

23 de abril, 15h00 Edifício de São Francisco

Visita interativa para famílias em que
através de jogos de descobertas se dão a
conhecer 6 peças do MAH

Participação gratuita limitada a
6 famílias

Inscrição prévia através do email
museu.angra.agenda@azores.gov.pt ou
do telefone 295 240 800



23

Histórias da Guerra Fria

30 de abril, 15h00 Auditório do Museu de Angra do Heroísmo

Conversa com João Porto, filho de
João Pereira Porto, operador de rádio
no esquadrão de comunicações
americano dos Cinco Picos

Regime de livre acesso



30



Comunicações na Ilha Terceira

O Radioamadorismo e a Guerra Fria

Inauguração da exposição

9 de abril a 3 de julho Edifício de São Francisco Sala do Capitulo

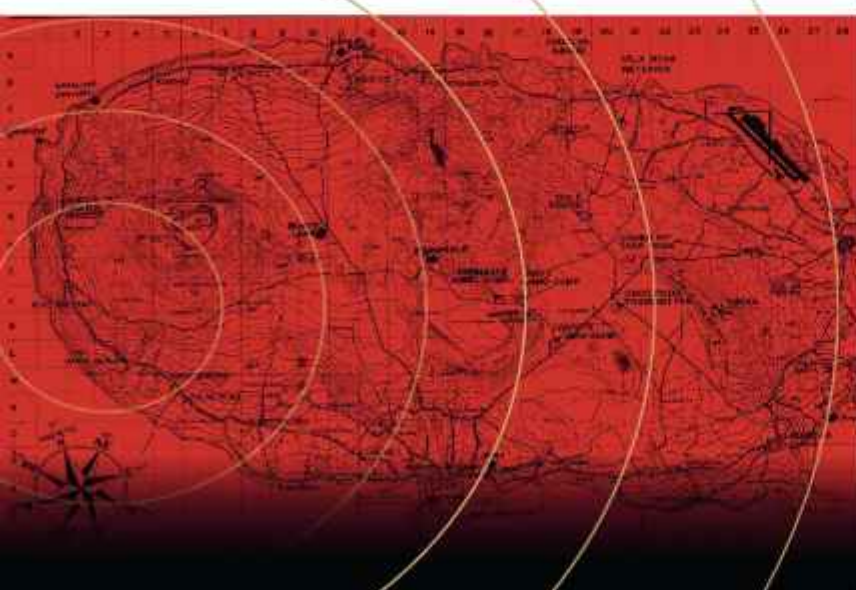
A riqueza e diversidade do acervo do MAH no domínio das radio-comunicações, resultante em parte de duas importantes doações efetuadas nos últimos anos, uma por Victor Jorge Pamplona Ramos (1937) e outra pelos herdeiros de João Fernando Goulart Bettencourt Pereira Porto (1928-2012), tornou possível efetuar a presente abordagem expositiva em que se apresenta uma seleção representativa da evolução das comunicações via rádio, com destaque para o radioamadorismo e para um determinado aspeto das comunicações ocorridas na Ilha Terceira, no contexto da Guerra Fria.

Esta exposição representa, assim, uma homenagem a todos os profissionais e amadores que se dedicam às comunicações rádio, com especial referência a Victor Ramos e João Porto, pelo profissionalismo e dedicação com que exerceram, ao longo da sua vida, tal atividade.



COMUNICAÇÕES NA ILHA TERCEIRA

o Radioamadorismo e a Guerra Fria





Metamorfoses

Pintura de Francisco Nisa

5 de março a 8 de maio

Edifício de São Francisco Sala Dacosta

Quem, olhando o céu, não viu cavalos alados, dragões adormecidos e monstros aterradores? Quem, olhando o chão, não viu rostos nas rochas e silhuetas nas poças?

Chama-se pareidolia a esse fenómeno psicológico que nos faz atribuir um significado a um estímulo vago e aleatório, reconhecendo como familiar o que para outros não passa de um conjunto de traços indistintos.

Estes pequenos retratos de Francisco Nisa resultam dessa sensibilidade aos sinais que subliminarmente nos rodeiam, a que se soma a capacidade de dotar esses rostos lidos nas pedras de carácter, estilo e emoção, atribuindo-lhes uma dimensão de tipos sociais.

Neste processo, a fotografia surge não como fim em si, mas como meio. Capta e regista para chegar ao trabalho final da pintura. Esta não é já uma cópia da imagem fotográfica, mas a representação humanizada das imagens iniciais, utilizando embora o género tradicional do retrato.

A tinta, aplicada em matéria espessa, como utilizada por Rembrandt ou Velasquez, confere a estas pinturas um carácter escultórico e dramático. A pequena escala, na linha do pintor Miguel Branco, dá-lhe um carácter discreto que convida à aproximação.



As mulheres da terra

Fotografia de Rui Caria

28 de janeiro a 21 de maio, Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes

Lisandra, Beatriz, Virgínia, Verónica, Denise, Nélia, Isilda e Urselina, são os nomes de oito mulheres açorianas com idades entre os 21 e os 80 anos. Algumas trabalham a tempo inteiro nas terras, cuidando dos animais; outras fazem-no como segunda ocupação, ajudando a família nesta dura atividade diária que é uma das principais fontes de rendimento de tantas famílias da Ilha Terceira. Num trabalho, predominantemente realizado por homens, estas mulheres são como um raio de sol no inverno. Mostram a força do seu ser, sem limitações ou preconceitos. E mesmo quando algumas dizem ir apenas "ajudar os maridos", percebe-se, ao vê-las trabalhar, que elas não ajudam; elas fazem o que é preciso ser feito. Esta mostra é uma menção a todas as mulheres que escolhem, todos os dias, os trabalhos mais severos e com eles fazem o bailado da vida.



Vitrine de Curiosidades

Bolsa para Telegrafista de Posto Ótico

Edifício de São Francisco | Memórias

8 de março a 3 de abril



Esta bolsa de cerca de 1942 contém todos os utensílios necessários aos militares de um posto de telegrafia ótica, elétrica ou solar. Além dos impressos de despacho, blocos para anotação das mensagens e respetivos envelopes para a sua entrega, por estafeta, à entidade recetora, possui os lápis e respetivos afiadores, bolsa com ferramentas e utensílios para reparação de ligações elétricas. Não faltam ainda os óculos fumados para que, nos dias ou horas com luz solar mais intensa, os sinais luminosos pudessem ser facilmente vistos e as mensagens, em morse, perfeitamente compreendidas. Nas comunicações militares; as transmissões óticas, por meio de sinais visuais previamente codificados, como bandeiras, semáforos, reflexos da luz solar ou ainda fogueiras e luzes (comunicações noturnas), recuam à Antiguidade. Contudo, apesar das inovações tecnológicas que disponibilizaram a telegrafia por fios (TPF), a telegrafia sem fios por ondas rádio (TSF) e, mais recentemente, as transmissões via satélite, as comunicações óticas nunca foram completamente abandonadas, mantendo-se, algumas delas, em uso até à atualidade. Assim, durante a 2.ª Guerra Mundial, quando as comunicações via rádio estavam já perfeitamente estabelecidas e largamente implementadas entre as forças terrestres, navais e aéreas, os postos de telegrafia ótica faziam parte integrante das redes de comunicação militar, não só em Portugal, mas também no estrangeiro.

Livro de Cheques e Caderneta do Banco do Faial pertencentes ao Maestro Francisco de Lacerda

Edifício de São Francisco | Memórias

5 de abril a 1 de maio



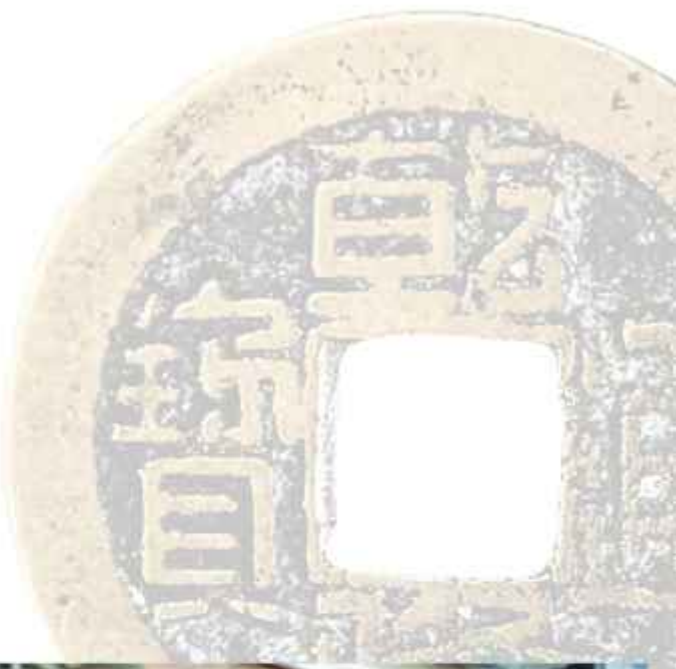
Não foi há muito tempo que deixámos de “passar cheques”, ou seja, de preencher documentos cedidos pelos nossos bancos, com os valores em algarismos e por extenso, os nomes completos de destinatários e as nossas assinaturas, para fazermos pagamentos mais vultosos. Contudo, muito provavelmente pela delicadeza do assunto envolvido, o dinheiro ou a (des)fortuna, estas formas de papel-moeda são raras no acervo dos museus. Daí o destaque dado a este Livro de Cheques e Caderneta do Banco do Faial, da Agência de Lisboa, com registos datados de dezembro de 1931 a julho de 1932, pertencentes ao espólio do maestro jorgense Francisco de Lacerda (1869-1934), que atualmente integra o Centro de Documentação do Museu de Angra do Heroísmo. Recorde-se que nos alvares dos anos 30 do século passado, Portugal saía de uma profunda crise económica e entrava na estabilidade de um regime ditatorial, animando-se com algumas expectativas de desenvolvimento, que se estampavam nos emblemas das instituições – neste caso, o caduceu e a foice, entrecruzadas sobre a roda dentada, símbolos da indústria, do comércio e da agricultura, encimados pelo símbolo regional, o açor.

A Numária da China e das suas dependências culturais

A doação do professor Luís Filipe Thomaz | 2.ª Parte

Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico

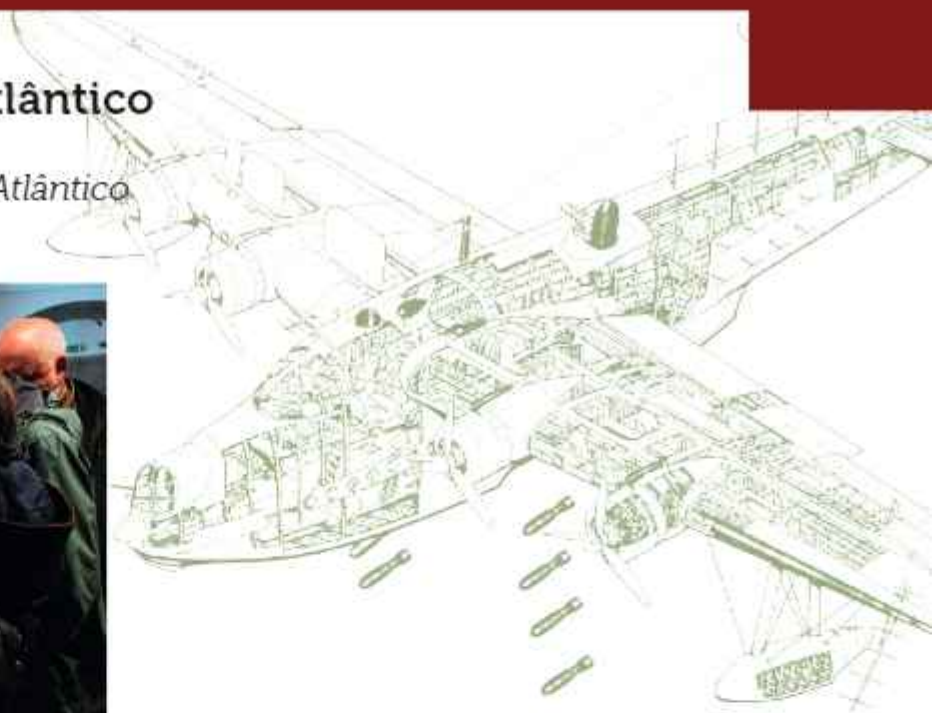
A numária imperial chinesa apresenta desde logo caracteres particulares que se manterão até finais do século XIX, tanto na China como nos países por ela influenciados, como o Japão, a Coreia e o Vietname. A partir do século III A. C., as moedas são todas redondas, fundidas quase só em cobre e nas suas ligas, o bronze e o latão, e com um furo ao centro, para poderem circular aos centos enfiadas em barraços. Os cunhos reduzem-se a caracteres chineses, em regra quatro, não ocorrendo quaisquer figuras, e os reversos são lisos. São designadas em português por sapecas, termo de origem malaia ou javanesa, que significa “um cento”, mas que se usou desde logo para designar cada unidade. Conhecem-se também por caixas, termo de origem dravídica (sul-indiana), que significa “pequena moeda”. As primeiras moedas circulares lavradas em prata pelo estado, conhecidas em português por patacas, de tipo semelhante ao das moedas da Europa, do Mundo Muçulmano, da Índia e do Sueste Asiático, à exceção do Vietname, surgiram apenas em 1889, quando a tendência para a mundialização da moeda atingiu a região.



A Aviação e a Batalha do Atlântico

Uma Perspetiva à Escala

Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico
19 de fevereiro a junho



José Pedro Pires é um jovem enfermeiro terceirense que desenvolveu uma forte paixão pelo aeromodelismo e pela investigação histórica que lhe está associada. Nos últimos anos, montou largos dezenas de modelos de aviões, com grande rigor e impressionante detalhe, em colaboração com a prestigiada revista britânica *Airfix Model World*, líder do sector. Recentemente, decidiu doar alguns modelos ao MAH, tendo selecionado para mostra precisamente o *Short Sunderland MK.III*, modelo de uma aeronave britânica, que se distinguiu na II Guerra Mundial, no combate à ameaça dos submarinos alemães.

Garbo Marcial

Mostra de um Protótipo Português de Capacete de Espigão para Oficial do Corpo de Estado-Maior

Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima
15 de fevereiro a maio de 2022



Este capacete é o único exemplar conhecido dum pequeno número de protótipos que antecederam estes capacetes de espigão, adotados com o plano de uniformes de 1885 e que se mantiveram em uso até ao fim da monarquia. Após o desastre francês na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), qualquer influência uniformológica francesa soaria a uma evocação dessa derrota militar. Assim, o capacete de espigão (*pickelhaube*) foi adotado pela maioria dos exércitos europeus, bem como pelos Estados Unidos da América e pelo Brasil, entre outros. Os capacetes portugueses deste tipo assumiram uma identidade muito própria, resultante dum misto de influências germânicas e britânicas. Geralmente em couro envernizado ou em feltro, com os espigões dourados a terminar em achas de armas, guarnições em metal dourado ou prata e, quando em grande uniforme, com penachos de penas, por vezes com tope de cor, ou ainda sedas de búfalo ou de iaque, projetavam uma imagem de garbo marcial que marcou a imagem militar dos impérios europeus do último quartel do século XIX.



Panaceia Elétrica

Direção Regional da Cultura /
Palacete Silveira Paulo
14 de março a 15 de maio

O método da eletroterapia conheceu forte expansão na comunidade médica, a partir do final do século XIX. Consiste na aplicação de uma corrente elétrica contínua ou galvânica que, através de vários terminais de elétrodos, efetuava descargas de baixa intensidade no corpo do paciente. A tensão elétrica, atuando na circulação do sangue, da linfa e do protoplasma, curaria as mais variadas doenças, nomeadamente a gripe, a asma, as dores musculares, a gangrena a anémia, a obesidade e até o cancro. Aparelhos como este, pertencente à Unidade de Gestão de Ciência e Técnica do Museu de Angra do Heroísmo, testemunham essa utilização da eletricidade no campo da medicina, no início do século XX. Foi fabricado na Áustria por Ludwig Schulmeister, como resultado da difusão dos trabalhos de Emil du Bois-Reymond, fisiologista berlinês, para quem a composição de um tecido vivo, à semelhança do músculo, seria constituída por inúmeras moléculas elétricas.



Duelos de Marfim

Aerogare Civil das Lajes
21 de março a 29 de maio

Este jogo de xadrez do século XVIII integra a Coleção de Brinquedos e Jogos do MAH, constituindo uma raridade, dado o seu valor histórico, artístico e estético. Tudo aponta para que seja uma representação das guerras entre o rei George III de Inglaterra e os chineses, quando, em 1793, a Inglaterra propõe à China uma abertura comercial aos seus produtos e o Imperador Qialong nega esse pedido. A sua recusa fez com que os ingleses forçassem a entrada, sendo a China obrigada a aceitar o domínio estrangeiro dentro do seu território. Este encontro levou à ocupação posterior da China pela Inglaterra, que se seguiu à Guerra do Ópio de 1842. Foi construído no Extremo-Oriente com materiais exóticos e valiosos, sendo as peças esculpidas com minúcia e notável requinte. Terá sido trazido da Índia para o arquipélago por um açoriano, membro do Corpo Expedicionário Português, que ali prestou serviço militar, ilustrando, assim, a participação regular de açorianos nos destacamentos militares das "Campanhas de Pacificação" do antigo império colonial português. Esta peça ter-se-á preservado na família daquele militar até 2008, altura em que foi adquirida pelo MAH.



25 Artistas
35 Gravuras do séc. XX
Museu de Santa Maria
2 de março a 30 de maio

ARTISTAS

35 gravuras do séc. XX

Museu de Santa Maria
2 de março
a 30 de maio



MUSEU de SANTA MARIA

Museu de Angra do Heroísmo

MUSEU DE SANTA MARIA

Alice Jorge	José Bronze
Almada Negreiros	José de Guimarães
António Charrua	José Júlio
António Pimentel	Júlio Pomar
Antonio Santiago Areal	Luisa Bastos
Bartolomeu Cid	Manuela Jorge
Cláudio Juarez	Maria Keil
Espiga Pinto	Mily Possoz
Fernando Conduto	Nunes Pereira
Hansi Staël	Ribeiro Pavia
Humberto Lebroto	Rogério Ribeiro
João Abel Manta	Tomaz Vieira
Jorge Barradas	

Esta exposição reúne um conjunto de obras que pertencem à História da gravura em Portugal, sendo constituída por 35 peças de 25 artistas, das primeiras décadas da segunda metade do século XX. Realizadas em diferentes técnicas, nomeadamente a xilografia, a litografia, linografia, água-forte, água tinta, gravura em cobre, risco sobre vidro, entre outras, as estampas apresentam corporizam o que, no dizer de Fernando de Azevedo, constitui o sortilégio da gravura; o facto de, na sua duplicação artesanal, refletir a mão que a faz, sendo capaz de, desdobrando-se, repartir prazer estético que suscita.

Foi apresentada pela primeira vez, no Museu de Angra do Heroísmo, em 1964, numa ação concertada entre o MAH e a Sociedade Cooperativa de Gravadores, responsável em Portugal pela difusão da gravura como modo de criação artística e suporte, e reposta em 2006 por esta instituição museológica.



Tempos de Guerra



Nesta visita às exposições *E o Aço Mudou o Mundo e Portugal os Açores e a Grande Guerra*, fala-se do papel dos Açores na I e II Guerra Mundiais e de invenções que mudaram a forma de combater, na terra, no mar e no ar.

Público-alvo: adaptável em função da faixa etária.

Pedras Para Que Vos Quero



Esta visita percorre vários espaços expositivos do MAH, ilustrando, a partir de diferentes exemplares de espécies em pedra, as diversas utilizações utilitárias e decorativas dadas a este material, ao longo do tempo, culminando na exploração da exposição *Metamorfoses*, através de atividades lúdicas e de expressão plástica.

Público-alvo: pré-escolar e 1.º ciclo.

Em Viagem com o Coelhoinho de Dacosta



Há um coelhinho perdido no claustro do MAH. Com a ajuda dos meninos, terá de reencontrar o caminho para a sua ilha encantada, viajando pelo interior das telas deste pintor terceirense, num percurso mesmo muito atribulado. Uma vez terminada a viagem, vamos visitar A Menina da Bandeira que mora connosco no MAH.

Público-alvo: pré-escolar e 1.º ciclo.

Quando a Tinta Não Vinha em Tubos



Oficina de pintura em têmpera, em que as crianças têm a oportunidade de ficar a conhecer os processos tradicionais usados nas oficinas de pintura, antes de se vulgarizar o uso do óleo, pintado em pequenas tábuas com gema de ovo e pigmentos naturais.

Público-alvo: adaptável em função da faixa etária.

Consultar o sítio do Museu de Angra para aceder a outras ações de dinamização das exposições de longa duração e reservas, passíveis de serem realizadas quando solicitado: <http://museu-angra.azores.gov.pt/museu-educativo.html>. Visitas orientadas e frequência e ateliês dependentes de agendamento prévio, via telefone 295 240 800 ou através do e-mail museu.angra.agenda@azores.gov.pt.



Visitas Guiadas à Fortaleza de São João Baptista do Monte Brasil

Terça a domingo
10H00 - 12H00 e 14H30 - 16H30

Ingresso no valor de 5€ inclui visita ao Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima

Frequência limitada a 15 pessoas por grupo
Agendamento através do telefone **295 218 383** ou do e-mail **museu.angra.info@azores.gov.pt**

O Museu de Angra do Heroísmo reserva-se o direito de cancelamento da visita, até trinta minutos antes da mesma, por motivos de ordem meteorológica.



Do Mar e da Terra... uma História no Atlântico

Esta exposição constitui a principal narrativa expositiva do Museu de Angra do Heroísmo. Desenvolve-se ao longo de quatro momentos, que vão da descoberta e povoamento das ilhas até à contemporaneidade da Região, pretendendo aprofundar a cultura e história da Ilha Terceira e dos Açores, através das peças mais significativas e de maior valor da instituição.



1º Momento



2º Momento



3º Momento



4º Momento



Edifício de São Francisco Memórias



Na sala junto à receção deste Museu, apresenta-se a história deste espaço conventual e das instituições que o ocuparam ao longo de décadas e até séculos, desde que aqui se instalaram os frades franciscanos.

Coro da Igreja de Nossa Senhora da Guia



O coro era um local de acesso exclusivo aos residentes do convento, os frades franciscanos, que louvavam a Deus e intercediam pela proteção divina, através da oração coletiva, do canto e da introspeção individual. Acima do cadeiral, as paredes encontram-se revestidas por um rico e magnífico apainelamento de azulejos da primeira metade do século XVIII, atribuído a Teotónio dos Santos (1688-1762), que narra episódios da vida de São Francisco. Junto ao coro, encontra-se um órgão, datado de 1788, o mais antigo existente nos Açores da autoria de António Xavier Machado Cerveira, um dos maiores mestres organeiros portugueses.

Portugal, os Açores e a Grande Guerra



Esta exposição constitui uma bolsa temática sobre a participação de Portugal e dos Açores na Grande Guerra. A contextualização temática da mesma é obtida com a utilização de elementos cartográficos, fotográficos e fílmicos, que permitem ao visitante perceber o que era a Europa e o mundo, antes e após o fim deste conflito. Os países participantes são representados através de capacetes e outros objetos militares como armas, máscaras antigas, lanternas e sistemas de comunicação, que remetem para o ambiente vivido nas trincheiras.

Igreja de Nossa Senhora da Guia



A Igreja de Nossa Senhora da Guia é um exemplo daquilo a que George Kubler chamou de estilo chão (plain style), estilo arquitetónico português marcado pela austeridade das formas. Ergue-se sensivelmente no mesmo local de uma pequena capela mandada construir, ainda no século XV, com o mesmo orago, pelo navegador Afonso Gonçalves de Antona Baldaia, um dos primeiros povoadores da ilha, junto à sua moradia, que doou, aquando da sua ida para a Praia, aos primeiros frades franciscanos, tendo a capela passado a servir como igreja conventual. Na carta de J.H. Van Linschoten, figura já uma edificação remodelada e acrescentada no século XVI. Edificado entre 1666 e 1672, o templo agora existente tem três naves: a central, que termina na capela-mor; a do lado do evangelho, que termina na porta de acesso à antessacristia; e a do lado da epístola, que conduz à capela atualmente denominada da Ordem Terceira e que primitivamente foi da "mercearia" instituída por André Gomes em 1522.

Reserva de Espécies em Pedra: As Pedras dos Homens



A Reserva de Espécies em Pedra do Museu de Angra do Heroísmo reúne materiais variados que ilustram quotidianos do passado da ilha desde os primórdios do seu povoamento. Pedras tumulares e brasões, uma grande variedade de elementos arquitetónicos de antigos edifícios civis e religiosos e equipamentos próprios das atividades domésticas são algumas das peças que aqui se podem observar. Curiosidades como uma lápide do século XV, provavelmente a mais antiga conhecida nas ilhas açorianas, lajes tumulares da comunidade protestante do princípio do século XIX na Ilha Terceira e brasões municipais de meados do século XX, que não chegaram a ser utilizados, aguardam a sua visita.

Reserva de Transportes dos séculos XVIII, XIX e XX



No espaço do antigo refeitório conventual, decorado com painéis de azulejos datados do século XVII, o visitante encontra uma variada coleção de transportes de tração animal dos séculos XVIII e XIX de diferentes proveniências, bem como um exemplar de Ford T o primeiro carro a ser produzido em série, revolucionando a indústria automóvel.

E o Aço Mudou o Mundo: Uma Bateria Schneider-Canet nos Açores

A bateria de 7,5 cm de Tiro Rápido Schneider-Canet existente no Museu de Angra do Heroísmo é a única completa em instituições museológicas, incluindo os arreios m/1917, os armões de tração, os carros de munições e os carros-oficina, fundamentais para a uma rápida entrada em posição e conservação do seu potencial de combate. Baterias como a exposta foram adquiridas à fábrica Schneider Frères & Cie., por Portugal, em 1904, tendo sido decisivas na vitória republicana de 5 de outubro de 1910 e na consolidação do regime republicano, no decorrer da 1ª República, ou ainda, no contexto da Grande Guerra, ao acompanhar a Força Expedicionária a Angola, em 1915. Já no contexto 2ª Grande Guerra, no início de 1941, de modo a reforçar o dispositivo militar nos Açores, foram distribuídas pelas ilhas de São Miguel, Terceira e Faial.





O Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima, instalado no antigo Hospital Militar da Boa Nova, acolhe a notável Coleção de Militar e Armamento do Museu de Angra do Heroísmo, sendo o único museu português não integrado no Ministério da Defesa subordinado a esta temática, em que estão representadas as três ramos das Forças Armadas nacionais e estrangeiras. Anteriormente repartida por vários núcleos e reservas, dado a diversidade, volume e quantidade das peças que a constituem, esta coleção é trazida ao público através de três exposições temáticas de longa duração, que, a par de uma explanação da evolução e funcionalidade das armas e de um convite à reflexão sobre as grandes questões éticas, morais e sociais inerentes aos conflitos bélicos, documentam a personalidade e vivências pessoais do patrono Manuel Coelho Baptista de Lima e a história do próprio edifício. Composto por peças de artilharia ligeira e pesada, armas de fogo, armas brancas, proteções metálicas, projéteis, equipamento de logística, arreios, uniformes e condecorações, este acervo, na sua maior parte acomodado em reservas concebidas em obediência à tipologia dos diferentes materiais, reflete o interesse pela área militar e o espírito colecionista do primeiro diretor do Museu de Angra do Heroísmo, Manuel Coelho Baptista de Lima, que, durante mais de três décadas, garantiu por várias vias o seu enriquecimento. O antigo Hospital Militar da Boa Nova é uma estrutura construída de raiz com esta finalidade, nos inícios do século XVII, no tempo da União Dinástica, situado à ilharga da imponente fortaleza filipina, conhecida vulgarmente por Castelo de São João Baptista.



Da Flecha ao Drone

Esta exposição de longa duração remete para a evolução das armas em articulação com a história da humanidade, organizando-se em cinco núcleos temáticos, dispostos de forma diacrónica, tomando possível a ilusão de uma viagem no tempo e no espaço, até aos campos de batalha e ao seu contexto envolvente. O acervo da exposição é composto por armas brancas e de fogo, esfregística, documentos gráficos e de belas artes, uniformes e peças de proteção do corpo, instrumentos musicais, peças de artilharia e material de apoio, transportes e logística.



Memória e Novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano

A exposição *Memória e Novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano* visa historiar o desempenho deste intelectual angrense, referenciando a sua intenção de construir um discurso identitário e uma memória açoriana, dissonantes do regionalismo etnográfico da primeira metade do século XX, e evidenciando o seu contributo para a utilização, no arquipélago, de novos modelos europeus de gestão e defesa patrimonial, que vão marcar a gênese da ação pública regional nesta área.



O Hospital Real da Boa Nova

Sob este título, reúnem-se as memórias de uso do edifício que terá sido, tanto quanto se conhece, um dos mais antigos, senão o mais antigo hospital militar do mundo, já que, até então, os doentes civis e militares tendiam a misturar-se nas instalações existentes. Tendo a sua raiz primeira no hospital de campanha trazido por D. Álvaro de Bazan, aquando da conquista da ilha Terceira, em 1583, o edifício filipino desenvolveu-se alinhado com a capela de Nossa Senhora da Boa Nova e crescendo, nos tempos de D. José I, com uma ampla enfermaria nova. Os modos de ver a doença e a saúde, na sua relação com o sagrado e com as mezinhas e tratamentos arcaicos, bem como as memórias do que aconteceu neste edifício secular, são revisitados em painéis e peças, na antiga capela e sacristia anexa, recordando a assinatura da rendição espanhola, em 1642, após um memorável cerco de onze meses, mantido pela população e milícias da ilha Terceira, com auxílio das de outras ilhas dos Açores; a pregação de António Vieira, em 1654; a figura do cronista maior da Terceira, Manuel Luís Maldonado (1644-1711), autor da Fenix Angrense e administrador do hospital, que aqui está sepultado; e a instalação, durante algum tempo, do prelo inglês com que foi inaugurada a imprensa nos Açores.





A Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes funciona, desde 9 de outubro de 2020, como um núcleo do Museu de Angra do Heroísmo, na sequência da sua doação à Região Autónoma dos Açores pelo seu fundador, cujo nome ostenta, conceituado artista plástico na área da pintura e da escultura. Fundada em 17 de julho de 2004, a Carmina Galeria foi durante oito anos um polo difusor da Arte Contemporânea na ilha Terceira, assumindo-se como um laboratório de artes e um espaço aglutinador de diferentes expressões culturais, pretendendo-se que continue a afirmar-se como um centro de referência para a divulgação, reflexão e fruição ao nível das diferentes áreas artísticas.

